

BUG / 2006

um filme de William Friedkin

Realização: William Friedkin / Argumento: Tracy Letts adaptando a sua própria peça de teatro, igualmente intitulada "Bug" / Direção de fotografia: Michael Grady / Direção de arte: Franco-Giacomo Carbone / Decoração: Frank Zito / Guarda-roupa: Peggy Schnitzer / Caracterização: Brad Wilder / Montagem: Darrin Navarro / Desenho de som: Steve Boeddeker / Música: Brian Tyler / Efeitos especiais: David K. Nami / Assistência de realização: Michael Salven / Anotação: Jillia Amburgey / Com: Ashley Judd (Agnes White), Michael Shannon (Peter Evans), Harry Connick Jr. (Jerry Goss), Lynn Collins (R.C.), Brian F. O'Byrne (Dr. Sweet), Neil Bergeron (homem na mercearia).

Produção: Kimberly C. Anderson, Michael Burns, Gary Huckabay, Malcolm Petal, Andreas Schardt, Holly Wiersma / Coprodução: Bonnie Timmermann / Empresas produtoras: Lionsgate, L.I.F.T. Production, DMK Mediafonds International, Inferno Distribution / Cópia: ficheiro digital, colorida, falada em inglês e legendada eletronicamente em português / Duração: 102 minutos / Primeira apresentação pública: 19 de maio de 2006, Festival de Cannes / Estreia comercial portuguesa: 26 de julho de 2007 / Primeira exibição na Cinemateca.

A filmografia de William Friedkin é pontuada por filmes que adaptam peças de teatro, de **The Birthday Party** (1968) – o seu primeiro filme para cinema – até **The Caine Mutiny Court-Martial** (2023) – o seu último, já estreado postumamente. O primeiro é uma adaptação da peça homónima de Harold Pinter, o último, da peça de Herman Wouk (que já havia sido adaptada para televisão por Robert Altman). Talvez seja o gosto pelo lado concentracionário, talvez seja a escola da televisão que o formou, o certo é que Friedkin, ao longo da sua carreira de seis décadas, voltou, uma e outra vez, a esse minimalismo teatral: um espaço fechado e meia dúzia de personagens. Aliás, pouco tempo antes de realizar **Bug**, fez para a televisão (e para edição direta em VHS) uma das milhentas adaptações de **12 Angry Men**, numa versão protagonizada por um Jack Lemmon já muito envelhecido.

Se a especificidade dramática de **Bug** não é nova no percurso do realizador, já a violência da *mise en scène* é surpreendente – não sou eu quem o diz, é o próprio realizador que, em entrevistas, defendeu “este é o meu trabalho mais intenso”. William Friedkin terá visto uma encenação da peça na sua primeira versão, aquando da estreia, no final dos anos 1990, nos palcos londrinos – já com Michael Shannon no papel de Peter Evans. A partir daí entrou em contato com o dramaturgo Tracy Letts para que desenvolvessem uma versão para cinema. Embora o processo da montagem financeira do filme tenha sido demorado, e só tenha sido possível filmar **Bug** em 2005, a parceria com Letts foi tão benéfica para ambos que seria com o escritor que Friedkin viria a escrever o argumento do seu filme seguinte, **Killer Joe** (2011) – outro filme sobre o lado rural, interior, pobre e violento da América.

À semelhança do que faria no seu já referido derradeiro filme, em que a ação é transferida dos anos 1940, logo após a Segunda Guerra Mundial, para o presente, 2022, também em **Bug**, que fora escrito em 1996, a ação é trazida para 2006, ou seja, para uma América pós-11 de Setembro. Se a peça original de Letts incluía já várias referências à Guerra do Golfo (Peter é, possivelmente, um desertor dessa guerra), o dramaturgo e o realizador aproveitaram esse preâmbulo e atualizaram o passado bélico (e traumático) do protagonista para o contexto em que os EUA estavam nesse início de século XXI, numa guerra contra um inimigo sem corpo e sem território delimitado, o “terrorismo”.

Bug, o filme, ganhou uma significação que *Bug*, a peça de teatro, não podia ter: a paranoia que afeta o casal de protagonistas espelha, de forma bastante literal, o estado de espírito de uma nação que descobria na luta contra o terrorismo o esboroar da realidade, a consciência de que o mal podia surgir

de qualquer parte e em qualquer lugar, a noção de que os valores da privacidade estavam a saque para o “bem comum” e a compreensão de que os poderes de um “estado vigilante e securitário” eram muito mais efetivos e perturbadores do que se podia adivinhar. Ou seja, **Bug**, o filme, é uma obra eminentemente política onde a metáfora da doença se impõe enquanto inoculação do medo, ou como o colocou o próprio Friedkin “o filme é sobre a ‘infecção’ em larga escala da paranoia”. O inseto parasita que afeta Peter e Agnes é, mais do que meramente psicossomático, a manifestação do próprio medo. O corpo deles, todo traçado de rasgões, todo lancetado, todo massacrado pelas unhas, é a materialização do pânico – esse estado de espírito em que o medo toma conta e avança, impante, pelo martírio da carne.

Bug começa com um plano misterioso: um homem vestido de azul deitado num espaço prateado, a câmara treme um pouco, há ali algo de perturbado, será aquilo uma fímbria de sangue? Adiante o sentido desse mesmo plano tornar-se-á explícito, mas o facto de Friedkin decidir começar por ali – pelo fim, com um “prenúncio de morte” – diz muito do que é o seu olhar autoral, sempre fascinado pelo feio e pelo sujo. Exatamente numa lógica de oposições, o realizador corta daí (do interior, fétido e artificioso) para aquele que será o mais aberto de todos os planos do filme, uma imagem aérea do deserto sulista americano em que, pela primeira e última vez, se vê a linha do horizonte. A câmara, montada num helicóptero, atravessa a paisagem e começa, lentamente, a aproximar-se de um motel perdido no deserto – entrevê-se, lá em baixo, a silhueta de uma mulher (é Agnes, interpretada por Ashley Judd).

O que Friedkin faz, de forma muito subtil, neste segundo plano, é um quase impercetível fundido encadeado em que surge, por entre o céu do entardecer, o fantasma fugaz de uma ventoinha de teto. Este elemento fugidio, que poderia ser um simples pormenor, faz *raccord* com o som do helicóptero que carrega a câmara. O que se anuncia, nessa assombração, é um efeito metonímico entre a hélice do helicóptero e a ventoinha de quarto de motel como uma forma de fazer comparecer, no espaço da privacidade, a fúria de um equipamento militar. Mas, talvez mais fascinante, é o modo como Friedkin faz coincidir essas duas hélices com a própria câmara de filmar naquele que é o mais icónico dos planos do filme, quando no final, em total alucinação, a câmara começa, ela mesma, a girar em plano *god’s eye* sobre o casal de protagonistas, também eles em histérica rotação. O paradoxo brilhante de **Bug** está, precisamente, na forma como se descarna enquanto objeto fílmico enquanto encarna a presença dos atores. O filme despe-se do mesmo modo que as personagens se despem; está com elas na sua loucura. Não é empatia, é mimetismo – não é esse, afinal, o grande tema do filme?

Sim, é que além de um filme político, **Bug** é estranhamente um filme sobre o amor romântico. A metáfora da doença pode ser igualmente lida enquanto manifestação limite de um relacionamento amoroso. **Bug** é, por isso, também um filme sobre o poder de contaminação do amor, sobre o poder de influência dos amantes, da fusão dos seus sentimentos, da sua transformação um no outro. O amor de Agnes por Peter fá-la participar do delírio dele; o amor dele por ela, fá-lo partilhar todo o seu imaginário conspirativo e tresloucado. É belíssimo acompanhar o progressivo desabrochar da loucura que acontece, paralelamente, ao desabrochar daquela relação – que hoje se chamaria tóxica, e noutros tempos, hiper-romântica. Não é, pois, por mero acaso, que Friedkin filma uma estranhíssima e bastante longa – na vertigem do *kitsch* – cena de sexo, a primeira e última daquele casal. Uma cena cheia de grandíssimos planos, toda ela compostas de fundidos e planos em contraluz. É aí, no sexo, que nasce o amor entre eles; é aí, também, que eles se deixam infetar pela paranoia. O ator Michael Shannon afirmou numa entrevista, “Sempre entendi **Bug** como uma história de amor. É uma história de amor entre duas pessoas altamente perturbadas... No entanto, não se chama “História de Amor”, chama-se “Bug”, por isso é capaz de ser sobre outras coisas também. Por exemplo, insetos.” Não será tudo mais ou menos a mesma coisa?

Ricardo Vieira Lisboa